

ção é uma grande época. É fácil de observar como no Ocidente, a partir da revolução husserliana — que é o princípio do fim de um ciclo —, entrámos numa época de capitalização acelerada de conhecimentos, de maneira que a vocação metafísica do Ocidente resplandece hoje claramente na convergência das matemáticas e da metafísica. O que hoje esperamos do Ocidente é a grande convergência explosiva das matemáticas modernas e da metafísica, donde resultará forçosamente uma nova dialéctica. Estamos na aurora desse fenómeno, que pode verificar-se de um momento para o outro.

V. H. — E de uma nova metodologia também, que transformaria até a própria estrutura política dos Estados.

R. A. — Evidentemente, porquanto a dialéctica hegeliana não constitui um instrumento válido para conhecer, mas sim e apenas uma técnica de verificação, algo de linear, de informativo, ao passo que toda a metafísica actual repudia o linear e pede exuberantemente a esfericidade. É algo totalmente novo. Eu presentira-o de forma intuitiva quando falei de «uma estrutura absoluta», mas foi apenas um balbuceio. A solução destes problemas competirá a espíritos totalmente novos que serão simultaneamente matemáticos e metafísicos. Isto já paira no espaço. Nesse sentido, o estruturalismo — refiro-me ao universitário — surge como um começo ingénuo. Os chamados «estruturalistas» sentem a existência de algo, dão-se conta da mudança que está prestes a verificar-se no Mundo, mas sistematizam com demasiada precipitação, e sem se darem conta disso regridem em vez de progredir. É um estruturalismo formalista, universitário, formalismo em total desacordo com a vida. Quero referir-me a Lévy Strauss e sobretudo a Michel Foucault, que começam por classificar as coisas por mera necessidade universitária de sistematizar e de criar uma história e por adoptarem uma posição «anti» (anti-simbólica, antigenética, etc.) com a preocupação de se afirmarem de qualquer maneira. Contudo, não se trata de opor e sim de unir. A corrente actual é a da síntese, mas isso não é mais que o começo de toda uma aventura espiritual que implica a reconciliação ou a utilização convergente das matemáticas e da metafísica. Dois tipos de espíritos irão ocupar-se destes problemas: os espíritos científicos puros, que surgirão como «utilitaristas» ou como «empiristas» (entre aspas) porque chegarão a formalizar-se *in extremis*, constituindo assim um instrumento científico de um poder enlouquecedor se comparado a tudo quanto temos utilizado até agora, tanto na física como nas ciências humanas, enquanto na automatização do homem e na sistematização das leis colectivas teremos um instrumento de extraordinária força que pode conduzir-nos a uma segregação dos homens:

noventa por cento transformar-se-ão em autómatos, sendo uma pequena percentagem constituída por um reduzido número de matemáticos que manobrarão essas forças. A outra posição será a dos filósofos, que tomarão parte nisto ou que se manterão isolados, levando uma vida totalmente interior, a *latere* da dita utilização pela ciência da força das massas ou dos átomos. Isto implica, evidentemente, uma tensão, à qual já estamos aliás a assistir: a do Ocidente-Oriente, este representado pela massificação e exploração intensa das massas automatizadas e da ciência utilitária, de formalismos levados às últimas consequências, e aquele pela experiência vivida...

V. A. — A metodologia aberta ou a sociedade aberta (penso neste momento não só em Genseth, que definiu com tanta precisão e eloquência esta necessidade de uma sociedade aberta tipicamente ocidental, mas também em Jünger, que na sua obra *O Nó Górdio* põe o mesmo problema da tensão entre um Ocidente livre e individualista e de um Oriente massificado).

R. A. — Não creio numa síntese Ocidente-Oriente a curto prazo sem o advento de um tremendo conflito que precederá essa síntese, tal como o problema se apresenta neste momento.

V. H. — Como encara, nessas condições, a função do romancista? Como um aliado dos filósofos ou dos outros?

R. A. — De uns e de outros, dado que o romancista é um activista e o seu papel é de acelerador. Não me refiro aqui ao romancista comercial, nem sequer ao *nouveau roman*, mas ao romancista capaz de ser também um pensador, um artista. É uma posição difícil e contraditória, pois, à medida que se torna filósofo, o seu desejo de escrever é cada vez menos intenso. O pensamento, sendo algo de rigoroso, escapa ou foge com frequência à expressão. É por essa razão que as matemáticas se tornam cada vez mais importantes, já que são expressões simbólicas, elípticas, situadas fora e à margem de qualquer forma artística. As estruturas algébricas são provavelmente muito belas, mas as massas não podem tomar contacto com a sua beleza. Por consequência, o romancista filósofo é quase um monstro, uma contradição nos termos, e não pode realizar-se de forma alguma senão em estado de paroxismo ou desespero. O romance tem de ser a expressão de um estado de transe momentâneo que serve ao romancista de elemento purificador. Se eu sou romancista, sou-o a espaços e momentaneamente ou por períodos brutais de dois ou três anos. O resto do tempo é de meditação silenciosa.

V. H. — Trata-se de realizar uma *epojé*, de abrir e fechar os parêntesis fenomenológicos. Romance é expressão desse estado ou dessa experiência vital, imprescindível, segundo Husserl, para poder realizar-se.